

TV: O lançamento de 'Força de um desejo', a novela de época das 18h • 3

SEGUNDO CADERNO

Balé: Bolshoi aquece na Mangueira antes da estreia de hoje no Municipal • 8

QUARTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1999

Volta aos bailes

Em seu novo disco, 'Crooner', Milton retoma as origens de sua carreira

Divulgação/Bruno Veiga



MILTON NASCIMENTO se diz pronto para os shows: "Estou muito bem de saúde, fazendo exercícios. A cabeça ajuda muito e ela está muito boa, estou muito feliz com os últimos trabalhos."

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Abrindo uma nova etapa em sua vida e carreira, com a saúde novamente sob controle, Milton Nascimento lança esta semana o disco "Crooner" (WEA). Segundo o cantor, este trabalho fecha uma trilogia iniciada com o "Angelus", seguida de "Nascimento" (álbum premiado com o Grammy de world music em 1998), e significa também uma retomada de seus tempos de baile, no fim dos anos 50.

Milton tanto resgata pérolas da canção popular como o bolero "Aqueles olhos verdes" e "Only you" quanto investe no pop de "Beat it" (Michael Jackson) e "Certas coisas" (Lulu Santos e Nelson Motta). Ele aproveita para retomar a parceria com o amigo Wagner Tiso — que assina todas as orquestrações — homenagear o Tamba Trio e gravar com outro companheiro do Clube da Esquina, Lô Borges, que divide a faixa "Resposta", do grupo mineiro Skank.

— Estava fazendo meus exercícios matinais ouvindo rádio aí tocou essa música — conta Milton. — Isso me lem-

brou muito uma conversa minha e do Lô. Quando soube que era do Skank vi que estava tudo em casa. Essa foi uma das primeiras músicas escolhidas.

Lô, de Belo Horizonte, por telefone, lembra da primeira vez que viu Milton e do prazer de cantar com ele:

— Foi na escadaria do meu edifício. Eu tinha 10 anos, estava em casa, e ouvi uma voz maravilhosa que vinha de baixo. Desci as escadas correndo seduzido pelo canto da sereia. Ele tinha 19 anos, estava tocando violão e me botou imediatamente para cantar. Cantar com Bituca é como jogar bola com Pelé.

Show estreia em junho no Rio

Depois de, no ano passado, interromper a sua turnê, Milton se diz pronto para os shows de lançamento de "Crooner". A estreia, no Canecão, está marcada para a segunda semana de junho. Antes de seguir para a temporada em São Paulo, ele fará uma turnê pela Europa.

— Estou muito bem de saúde, fazendo exercícios, a taxa de glicose baixinha. A cabeça ajuda muito e ela está muito boa, estou muito feliz com os últimos trabalhos. Estou me sentindo zorado, como se começando de novo.

De volta ao disco, Milton fala com carinho de "Aqueles olhos verdes", versão

de Braguinha, que aprendeu com sua mãe no tempo em que tocava a sanfonia nas quermesses:

— Minha mãe me ensinou essa música. É uma homenagem a ela. Ela cantava essa e muitas outras conhecidas.

Milton dedica "Crooner" ao Tamba Trio, um dos principais grupos da bossa, formado por Luiz Eça, Bebeto e Hélio Milito. No início dos anos 60, a mãe de Wagner comprou um disco do Tamba achando que os rapazes gostariam.

— Nunca esqueço do dia em que o Wagner mandou a turma me segurar do lado de fora da casa dele: "Pode deixar ele entrar!" Quando entrei começou a rolar aquele som, a introdução de "Mas que nada" e eu caí pra trás.

Já a gravação de "Only you", sucesso no fim dos anos 50 com o grupo americano The Platters, remonta ao tempo em que Milton tinha um grupo vocal chamado Luar de Prata.

— Éramos os Platters de Três Pontas, mas não cantávamos só rock não, tinha várias outras coisas que fazíamos com o nosso jeito. Me lembro da primeira vez que Jim Capaldi veio ao Brasil e perguntaram a ele se ele conhecia alguma coisa do rock brasileiro. Ele disse: "Milton Nascimento!" Começaram a rir dele e ele respondeu: "Vocês não entendem

nada de rock!".

Estranheza nunca foi novidade na vida de Milton. Durante as gravações de orquestra de "Crooner", em Londres, um recente exemplo.

Maestro inglês estuda a estranheza

— O pessoal lá não está acostumado com esse tipo de arranjo para música popular. Esse tipo de situação sempre acompanhou a mim e ao Wagner. Nós chegávamos a um lugar para gravar e sempre havia alguém estranhando alguma nota na música ou no arranjo. Estávamos gravando "Rosa Maria", para esse disco, e chegou uma hora em que a música estava muito comprida e nós teríamos que editar uma parte para encaixar Os Cariocas. Fizeram uma edição no computador e o Márcio Lomiranda (que programou e tocou teclados no disco) achou esquisito e eu disse: "É assim mesmo que quero!". Aí o Wagner virou para ele e emendou: "Olha, esse aí é o 'rei do esquisito'. Tudo que você achar esquisito você pode mandar para ele que ele adora!". Lá fora o pessoal leva muito susto com essas coisas. Então em Londres aconteceu do maestro achar o arranjo esquisito e depois de pronta a gravação pediu a partitura para estudar.

Continua na página 2

Padre Antônio Maria grava Roberto Carlos

Amigo do cantor diz que ele está resignado com doença da mulher

Os últimos domingos do padre Antônio Maria têm sido dedicados a rezar por Maria Rita, mulher de Roberto Carlos, muito doente desde o ano passado. A dedicação ao amigo e o sacerdócio não impediram, porém, que ele gravasse seu 12º disco, "Festa da fé" (Sony Music) — dos anteriores oito são independentes e três saíram pela Comep-Paulinas. As inevitáveis comparações com o padre Marcelo Rossi, campeão de vendagem de CDs no Brasil, não o incomodam.

— Eu me dou muito bem com o padre Marcelo Rossi, gosto muito dele, mas ele não é cantor, é um animador — diz padre Antônio Maria, que contou com a voz de Roberto Carlos nas faixas "Cura, senhor" (Sueli de Faria) e "Jesus Cristo" (de Roberto e Erasmo).

O padre também adaptou o sucesso de axé baiano "Vai sacudir, vai abalar" (Pierre Onassis e Paulo Jorge), trocando "quando meu amor passar" por "quando meu Jesus passar".

Padre diz que convivência com o Rei lhe traz força espiritual

Natural do Rio mas morando em São Paulo, o padre Antônio Maria diz que a aproximação com Roberto Carlos lhe traz força para sua espiritualidade evoluir.

— Nunca vi o Roberto desesperado — diz o padre, que regrava "Nossa Senhora" e "Aleluia", parcerias de Roberto e Erasmo. — Toda vez que eu o encontro me refaço espiritualmente, porque ele me passa uma beleza interior enorme. Sinto que ele está resignado em relação à vida de sua mulher. Sabe que a vontade de Deus tem que prevalecer. ■

Nara Leão é lembrada hoje no CCBB

Evento com shows marca os dez anos de morte da cantora

Começa hoje no Teatro 3 do Centro Cultural Banco do Brasil o evento "Diz que fui por aí", série de shows para lembrar os dez anos de morte de Nara Leão. Os espetáculos fazem um resumo da carreira da cantora e ficarão em cartaz até o dia 30 deste mês. Os encontros programados foram divididos em "O amor, o sorriso e a flor" (de hoje a 9 de maio, com show de Wanda Sá e Kay Lyra e direção musical de Roberto Menescal), "Opinião de Nara" (de 12 a 16), "Nara reveladora" (de 19 a 23) e "Nara, uma brasileira" (de 26 a 30).

Exposição e peça também lembram carreira da artista

Enquanto o CCBB utiliza intérpretes para celebrar as canções eternizadas pela voz de Nara, que abriu seu apartamento para a evolução da bossa nova nos anos 60, o BNDES prepara a exposição "Nara pede passagem", que abre no dia 9 de maio com reproduções de jornais e revistas, fotos de shows, entrevistas para a TV, capas de discos e depoimentos de Nara Leão.

Outro evento marca os dez anos de morte de Nara: o Café-Teatro de Arena abrigará, entre 9 de junho e 3 de julho, o espetáculo "Nara, uma senhora de opinião", abrangendo o início da carreira da cantora, em especial o período do Teatro Opinião. Claudia Netto foi convidada para ser a protagonista da peça. ■